

SONORA
Brasil
SÉCULO XXI
CIRCUITO NACIONAL DE MÚSICA

MÚSICA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL
DUO JOAQUIM ABREU
E PAULO PASSOS

SONORA BRASIL Século XXI

Circuito Nacional de Música

Coordenação Geral

DALAC - Divisão de Assistência em Lazer e Cultura

Concepção e Direção Musical

Wagner Campos

Apoio Técnico

Luiz Costa Lima Neto

Design Gráfico

Ruth Marina Lima

Arte-Final

Julio Cesar Carvalho

Produção Executiva I

SEC Seção de Cultura/DALAC

Produção Executiva II

**Departamentos Regionais do SESC em
AL, PE, CE, AP, TO, MS, SC e PR**

supervisão

Lisyane Wanderley dos Santos

Capa

Cláudio Facioli

"Violão" OST 49x58 cm

Fotografia Capa

Ismar Ingber

Produção Gráfica

**Assessoria de Divulgação e
Promoção Institucional**

Realização

 **SESC**
Serviço Social do Comércio

Departamento Nacional

www.sesc.com.br

APRESENTAÇÃO

O Projeto **Sonora Brasil** é parte integrante do trabalho de formação de platéias que o SESC desenvolve na área da música em todo o país, fundamentado na difusão de toda a diversidade cultural possível existente no acervo produtivo elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Atuando no âmbito de um circuito nacional, a iniciativa do SESC tem por objetivo difundir programas consistentes, efetivamente culturais, identificados com o desenvolvimento histórico da música no Brasil, dos primórdios aos tempos atuais, promovendo a ampliação e qualificação do nível de cultura musical das platéias, através da difusão de programas que venham a compor um painel significativo de parte expressiva da produção musical de nosso país, priorizando aquelas que por seus valores intrínsecos e qualidade indiscutível, não encontram espaço regular nos meios de comunicação em geral, ausentes, conseqüentemente, dos processos usuais de posicionamento mercadológico.

A realização do **Projeto Sonora Brasil**, em seu terceiro ano de desenvolvimento, representa a concretização dos objetivos sócio-culturais do SESC, contribuindo para o processo de desenvolvimento pluralista da sociedade, levando a informação musical aos mais distantes pontos do país.



Foto: Silvana Marques

Possuindo trajetórias com muitos pontos em comum, Joaquim Abreu e Paulo Passos começaram a trabalhar juntos em 1998, ao interpretarem obras do compositor L. C. Csekö. A partir daí, suas apresentações têm se multiplicado e diversos compositores têm escrito e dedicado composições ao Duo. Desde então, participaram dos Concertos para a Juventude, no Teatro Carlos Gomes (RJ), Projeto Rumos Musicais, do Itaú Cultural (SP), Projeto Sérgio Porto 2000 (RJ), Projeto Percussão e Invenção (concertos na Sala Cecília Meireles-RJ, Museu Brasileiro de Escultura-SP e Espaço Cultural Sérgio Porto-RJ), Festival Escuta (RJ), III Bienal de Música Eletroacústica (SP). Agora, encerram o Projeto Sonora Brasil-Século XXI, com um programa que inclui três obras especialmente compostas para este evento: Vermelho Escuro - de L.C. Csekö, cidade das Pedras - de Alexandre Schubert, e Esferas I (A Bolha de Sabão) - de Paulo Chagas.

Oswaldo Lacerda

Variações sobre "O cravo que brigou com a rosa"

Para saxofone contralto e marimba

Tema - Andantino innocente

Var.I - Allegro com spirito

Var.II - Allegro

Var.III - Andante

Var.IV - Com moto moderato (Fuga)

Var.V - Andante Lento

Var.VI - Andante (Seresta Romantica)

Var.VII - Final Allegro.

Alexandre Schubert

"Cidade das Pedras"

Para clarinete/clarone e marimba

1 - Prelúdio

2 - Grutas

3 - Interlúdio I

4 - Visões Noturnas

5 - Interlúdio II

6 - Vale das Borboletas

7 - Poslúdio

Ronaldo Miranda

Lúdica I

Para clarinete solo

L. C. Csekö

Vermelho Escuro

Para clarone / clarinete e marimba

Paulo C. Chagas

Esferas I (bolha de sabão)

Para clarinete e marimba

Marlos Nobre

Desafio XVII

Para clarone e marimba

ABREU

Iniciou seus estudos musicais em São Paulo: percussão com Cláudio Stepan e Jonh Boudler, harmonia e contraponto com Michel Phillippot e Phillippe Manoury, e teoria musical com Osvaldo Colarusso. Entre 1981 e 1984 foi bolsista do governo francês e obteve os diplomas de percussão e música de câmara no Conservatório Nacional da região de Strasbourg, nas classes de Jean Batigne e Detlef Kiefer.

Neste período frequentou os ensaios e seguiu diversos estágios ministrados pelo Grupo de Percussão de Strasbourg, o mais renomado conjunto de percussão do mundo, dirigido na época por Jean Batigne.

Participou de vários concertos promovidos pela Orchestre Philharmonique de Strasbourg, e de O'Opera du Rhin, inclusive do "Ciclo Varése", regido por Pierre Boulez.

Em 85, de volta ao Brasil, integra a Orquestra Sinfônica Brasileira, trabalhando com os maestros Isaak Karabtchevski, Cláudio Santoro, Kurt Masur, dentre outros.

Em 86 decide seguir carreira solista e camerista, deixando a Sinfônica Brasileira. Participa como solista das últimas 5 Bienais de Música Contemporânea Brasileira, recitais na Sala Cecília Meireles, Teatro Municipal do RJ, séries de música contemporânea do MAN/RJ, Ciclos de Música Contemporânea de BH, Festival Música Nova de São Paulo, etc..

No final de 87, inicia seu trabalho com o Duo Diálogos de Percussão, um dos mais ativos conjuntos de câmara do país na atualidade. Tendo a felicidade de trabalhar simultaneamente em duas cidades, Rio e São Paulo, o Duo Diálogos rapidamente ganhou projeção nacional, realizando mais de duzentos recitais nos mais importantes festivais do Brasil, Europa e Estados Unidos, destacando-se por

sua arrojada interpretação do repertório contemporâneo brasileiro e pelo estímulo e incentivo que oferece à criação e execução de mais de 40 obras dos nossos mais renomados compositores.

Nos últimos anos, Joaquim Abreu e o Duo Diálogos foram convidados a se apresentar no Carnegie Hall com prestigiosas críticas do New York Times, na Radio France - Paris, Mozarteum de Salzbourg, Grand Theatre de Genebra, e também nos Festivais de Inverno de Campos de Jordão, Sociedade de Cultura Artística, Mozarteum Brasileiro, dentre outros.

Realizou com enorme sucesso a estréia brasileira da obra "Kontake" de K. Stockhausen com o pianista Paulo Álvares e a direção eletroacústica de Flo Menezes no concerto de encerramento do Festival de Música Nova 98 no Instituto Cultural Itaú e na Sala Cecília Meireles no Rio de Janeiro.

PASSOS

Catarinense de Itajaí, Paulo Passos estudou com Romeu Benettollo e Sérgio Burgani na Escola Superior de Música de Blumenau e com José Botelho na Universidade do Rio de Janeiro.

Foi integrante da Camerata Itajaiense e da Banda Guarani, além de participar de inúmeros concertos da Orquestra de Câmara de Florianópolis, até sua mudança para o Rio de Janeiro em 1983, onde realizou o curso de bacharelado em clarinete na Universidade do Rio de Janeiro.

Clarinetista e saxofonista, seu trabalho concentra-se principalmente na música do século XX, especialmente a brasileira, tendo participado de diversos festivais, como as Bienais de Música Brasileira Contemporânea, Panoramas da Música Brasileira Atual, Festival Escuta 2000 e a III Bienal de Música Eletroacústica de São Paulo, realizando inúmeras primeiras audições de obras brasileiras.

Atualmente, mantém um duo com a pianista Sara Cohen, apresentando-se nas principais salas de concerto do país.

Realizando uma intensa atividade como camerista/solista, Paulo Passos é também integrante do Quarteto Sax Contemporâneo, da Camerata Contemporânea do Rio de Janeiro, da Orquestra Petrobrás Pró-Música e do Ensemble Jocy de Oliveira.

É professor nos Seminários de Música Pró-Arte, na Escola Musical, e na Escola de Música Villa-Lobos.

Foi solista com diversas orquestras, incluindo a Orquestra de Câmara da FUNARJ e a Orquestra Petrobrás Pró-Música, com a qual fez a estréia, na temporada de 97, do Concerto para Saxofone Alto e Orquestra, escrito por Antônio Guerreiro e dedicado a Paulo Passos.

Em 1999, durante a XX Bienal da Música Brasileira Contemporânea, estreou a peça "Paisagens Espectrais", de Vania Dantas Leite, também escrita e dedicada a ele. No mesmo ano, participou da gravação do CD "Primeiro Diálogo", do compositor Caio Senna, interpretando as obras Primeiro Diálogo - com a pianista Sara Cohen e os cantores José Paulo Bernardes e Ignácio de Nono - e Suíte para Clarone e Violões - com o Duo Barbieri Schneiter.

Com o Ensemble Jocy de Oliveira, além de apresentações em vários estados brasileiros, apresentou-se em março de 95 na Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, e em maio de 2000, na cidade de Darmstadt, também na Alemanha.

Compositores como Roberto Victório, Rodrigo Cichelli, Nestor de Hollanda Cavalcante, Caio Senna, Wagner Campos, Antônio Guerreiro e Vânia Dantas Leite, têm dedicado a Paulo Passos obras para clarinete e saxofone.

Variações sobre “O cravo que brigou com a rosa” Osvaldo Lacerda

Em 1979, esteve em São Paulo um saxofonista japonês, de nome Tadashi Nagatomi. Encomendou então, a Osvaldo Lacerda, uma peça para saxofone contralto e percussão, esta de livre escolha. Lacerda optou pela marimba, e assim nasceram as Variações sobre “O cravo que brigou com a rosa” que foram dedicadas ao saxofonista japonês, e estreadas por este e Jonh Boudler em 13 de outubro de 79 no auditório do MASP, em São Paulo. A obra tem sido muito tocada, tanto na sua forma original, como também na de clarineta em si bemol e marimba. O tema é uma das mais tradicionais e conhecidas cantigas de roda brasileiras, nas variações, o compositor, obedecendo ao verdadeiro espírito da música de câmara, procurou não estabelecer hierarquia entre os dois instrumentos, valorizando tanto um, como o outro.

Cidade das Pedras Alexandre Schubert

Divide-se em vários movimentos e tem como “inspiração” as impressões de São Thomé das Letras, pequena cidade do Sul de Minas, encravada numa linda montanha, onde existem muitas grutas, cachoeiras... e lendas.

Lúdica I Ronaldo Miranda

É uma obra para clarinete solo, composta em 83 por encomenda do Instituto Nacional de Música da FUNARTE como peça de confronto para os clarinetistas que participaram, em 1984, do II Concurso Jovens Intérpretes da Música Brasileira. A linguagem da composição, nas partes extremas, é, como diz o título, lúdica e burlasca, explorando a rítmica brasileira num livre atonalismo e valorizando a região aguda do instrumento. A seção central revela um texto mais lento e anguloso, quase recitado.

Vermelho Escuro L. C. Csekö

Apresenta um denso, delicado contraponto de dinâmicas e texturas tímbricas: planos extensos contrastantes justapostos e/ou imbricados, inflexões súbitas, esporádicos ataques. Notação Gráfica, Tempo Cronometrado (ao invés de Tempo Metronômico), Aleatoriedade / Improvisação são registros utilizados para resgatar o caudal sonoro da obra. O Projeto Cênico & de Iluminação foi criado para adequar-se às condições dos teatros locais, propondo situações visuais que possam ser realizadas com equipamento Laser, convencional ou à luz de velas. Um procedimento típico do estilo "cool" em jazz é uma das nuances tímbricas executadas pelo clarone/clarineta, quando é instruído para utilizar "... um tom com bastante ar, soprado, no estilo do saxofonista Stan Getz...".

O fluxo maior de VERMELHO ESCURO é perpassado pelo extático, remetendo-se talvez às copas das "... árvores de maravilha cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos porque os sabemos fora de relação com o que há na vida..." (Álvaro de Campos/F. Pessoa).

Esferas I (bolha de sabão) Paulo C. Chagas

Dedicada a Joaquim de Abreu e Paulo Passos.

A criança, ansiosa, segue com os olhos as bolhas de sabão, que ela, com o pequeno cachimbo diante da sua boca, sopra em direção ao céu. Agora, um enxame de bolhinhas borbulha nas alturas, caoticamente animado com um dado de murmúrios azul-cintilantes. Então, numa próxima tentativa, desprende-se do cachimbo um grande balão oval, tremulante, preenchido de uma vida temerosa; é levado pela brisa e flutua em frente, descendo sobre a rua.

Atrás dele segue a esperança da criança deslumbrada. Esta flutua, ela própria também, com a sua bolha mágica pelo espaço afora, como se o seu destino dependesse por segundos desta criação nervosa.

Quando a bolha finalmente estoura, depois de vôo estremecido e alongado, o artista das bolhas de sabão solta um som, ao mesmo tempo um suspiro e um grito de alegria.

Durante o lapso de vida da bolha o soprador ficou fora de si, como se a existência da esfera dependesse de uma expectativa que a envolvesse, flutuante junto-afora.”

Em meio à sua alegre brincadeira, a criança, sem notar, dá-se conta de um juízo, que ele posteriormente desaprenderá, sob o esforço da escola: que todo Espírito é à sua maneira ele próprio um Espaço. Ou, talvez, melhor dizendo: aquilo que antes se chamava Espírito, seriam a princípio propriedades aceleradas do Espaço? Quem se deixar levar por tais pressentimentos, tende a continuar indagando na direção tomada: se a criança que brinca?”

“...será que existe alguém, cujo êxtase faz flutuar as crianças nos espaços de possibilidades – e o que acontece com aqueles que não são sopro de ninguém? Será que toda a vida que surge e que se individualiza está contida numa respiração que acompanha?”

“Quem formulou primeiro o pensamento, de que o mundo não seria nada mais de que uma bolha de sabão de uma respiração abrangente?”

Trechos extraídos de: Peter Sloterdijk (1998). Sphären I

Desafio XVII Marlos Nobre

Nas palavras do compositor: "Desafio XVII pertence a uma série de trabalhos intitulados "Desafio", que foram escritos para uma variedade de instrumentos de corda ou sopro, com piano, orquestra de cordas ou percussão. Neste "Desafio XVII", para clarone e marimba, a ideia musical é bastante simples: exploração das características próprias de cada instrumento, cada um com seu diferente caráter. Embora baseando sua ideia central nos "desafios" - típica música do folclore nordestino - eu não sei direta ou indiretamente nenhum tema folclórico. "Desafio XVII" inicia com uma cadência ou introdução pelo clarone, que é seguida do "desafio" propriamente dito, com uma entrada abrupta da marimba. Uma atmosfera de tensão é estabelecida, com os dois instrumentos se confrontando. Pouco a pouco uma atmosfera mais serena se desenvolve, culminando num momento central da peça, com novas melodias, muito líricas, tocadas pelo clarone. Logo depois, no entanto, a forte atmosfera inicial é recapturada e a obra termina com um caráter extremamente brilhante".



SESC

Serviço Social do Comércio

CDRM

Centro de Difusão e Realizações Musicais

Uma iniciativa voltada para a formação de platéias, atuando no âmbito da diversidade musical disponível no acervo de conhecimentos elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Salas de Música

Fonotecas

Centros de Tecnologias Musicais

Estúdios de Gravação

Cursos, Oficinas, Audições Orientadas, Pesquisas e Estudos, Workshops, Gravações musicais.

Acervos fonográficos de referência histórica, Banco de partituras, Editoração Musical, Bibliotecas musicais especializadas, Projetos culturais de produção de CD's.

**Administrações Regionais do SESC em Alagoas,
Distrito Federal, Pernambuco e Sergipe**

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

CONSELHO NACIONAL

Presidência

Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção Geral

Oswaldo Kilzer da Rocha

Consultoria da Direção Geral

Leopoldo Garcia Brandão

Luiz Sérgio Silva Martins

Assessoria de Divulgação e Promoção Institucional

Margaret Rose Resende de Oliveira Santos

Assessoria de Planejamento

Luis Fernando de Mello Costa

Divisão de Assistência em Lazer e Cultura

Neusa Pinto e Castro

Divisão de Assistência em Saúde

Juvenal Ferreira Fortes Filho

Divisão de Assistência em Educação

Ada Lúcia Costa Lobato

Divisão de Estudos e Modelos

Sebastião Henriques Chaves

Divisão de Investimentos

Ricardo Leon Pascual

Divisão Administrativa

Francisco José Alves Penna

Divisão de Finanças

João Carlos Gomes Roldão

Divisão de Informática

Délcio José Masiero

Divisão de Relações do Trabalho

Eli Araripe de Albuquerque

SONORA BRASIL - 2001
Origens